

# Homens na literatura brasileira – masculinidades ora negadas, ora incorporadas

## Men in brazilian literature – masculinities sometimes denied, sometimes incorporated

## Hombres en la literatura brasileña – masculinidades denegadas o incorporadas



**Itamar Mateus Muniz de Melo**

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campina Grande, Paraíba, Brasil.

E-mail: itamarmatt10@gmail.com



**Antonio de Pádua Dias da Silva**

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campina Grande, Paraíba, Brasil.

E-mail: magister.padua@gmail.com

**Resumo:** O artigo problematiza códigos de masculinidades para entender o homem da literatura atual. Objetivou-se analisar comportamentos adotados pelos homens dessa literatura. Comparou-se protagonistas de dois romances contemporâneos – *Por enquanto... Outra Estação* (PÁDUA, 2014), *Barba Ensopada de Sangue* (GALERA, 2012) – a três narrativas clássicas – *São Bernardo* (RAMOS, 2012), *Dom Casmurro* (ASSIS, 2019) e *Grande Sertão: Veredas* (ROSA, 2019). Trabalhou-se com teorias comportamentais e sociológicas, a partir de Cuschnir, Mardegan Jr. (2001); Nolasco (1995, 1997) e Albuquerque Junior (2003). Percebeu-se que protagonistas da literatura atual incorporaram condutas antes consideradas não masculinas, negando a afirmação da virilidade pela violência.

**Palavras-chave:** Gênero. Comportamento. Literatura Contemporânea. Códigos de Masculinidade.

**Abstract:** The article problematizes codes of masculinities to understand the man of current literature. The objective was to analyze behaviors adopted by men in this literature. The protagonists of two contemporary novels were compared – *Por enquanto...outra estação* (PÁDUA, 2014), *Barba ensopada de sangue* (GALERA, 2012) – to three classic narratives – *São Bernardo* (RAMOS, 2012), *Dom Casmurro* (ASSIS, 2019) and *Grande Sertão: Veredas* (ROSA, 2019). Worked with behavioral and sociological theories from Cuschnir, Mardegan Jr. (2001); Nolasco (1995, 1997) and Albuquerque Junior (2003). It was noticed that protagonists of the current literature have incorporated behaviors previously considered non-masculine, denying the affirmation of virility by violence.

**Keywords:** Gender. Behavior. Contemporary Literature. Masculinity Codes.

**Resumen:** El artículo discute los códigos de masculinidad para entender a los hombres en la literatura actual. El objetivo fue analizar los comportamientos adoptados por los hombres en esta literatura. Se comparó los protagonistas de dos novelas contemporáneas – *Por enquanto...outra estação* (PÁDUA, 2014), *Barba ensopada de sangue* (GALERA, 2012) – a tres narrativas clásicas – *São Bernardo* (RAMOS, 2012), *Dom Casmurro* (ASSIS, 2019) y *Grande Sertão: Veredas* (ROSA, 2019). Trabajó con teorías conductuales y sociológicas, comenzando con Cuschnir, Mardegan Jr. (2001); Nolasco (1995, 1997) y Albuquerque Junior (2003). Se notó que los protagonistas de la literatura actual han incorporado comportamientos previamente considerados no masculinos, negando la afirmación de la virilidad a través de la violencia.

**Palabras clave:** Género. Comportamiento. Literatura contemporánea. Códigos de masculinidad.

Submetido em 09 de março de 2021.

Aceito em 05 de maio de 2021.

Publicado em 09 de março de 2022.

## Introdução

Um dos pioneiros a tratar a masculinidade como gênero foi Robert W. Connell, durante as décadas de 1980 e 1990. A partir dele, diversos assuntos sobre o homem adentraram aos estudos de gênero, alicerçando-se como uma tendência social e cultural. A literatura, imbuída de ares da pós-modernidade, trouxe representações dessas masculinidades pós-patriarcado, com personagens masculinos distanciando-se do perfil do herói virtuoso, assumindo masculinidades que não oferecem valores, virtudes e bravura, conforme Dalcastagnè (2001).

Isso conduz à temporalidade atual em cujas estruturas sociais percebem-se traços remanescentes e viciados do patriarcado, mas sem força. Logo, é possível pensar em sociedades e práticas culturais pós-patriarcado, entendendo que esse regime centrado na figura do pai, do homem viril e poderoso, esvaziou-se política, jurídica e moralmente ao longo da segunda metade do século XX até os dias de hoje. A educação dos homens para a tendência heterossexual e machista continuou, mas perdendo força à medida que outros atores, comportamentos e demandas masculinas foram surgindo e exigindo dos novos homens outros modos de se colocarem e se relacionarem com o mundo atual.

Com base nestas colocações, quais são os comportamentos do homem atual, entendido como pós-moderno, pós-patriarcado e pós-crise? A hipótese levantada aponta para um deslocamento: diversas práticas culturais consideradas como “coisas de homem” foram descartadas e vários aspectos comportamentais rejeitados por não serem interpretados como de “macho” (demonstração de afeto, sexualidade não hétero, reconhecimento e respeito pelos direitos das mulheres) foram incorporados por protagonistas da literatura atual, constituindo novas masculinidades. A tese que sustenta o trabalho é a de que essas incorporações e rejeições comportamentais são motivadas por uma tendência de época. As sociedades chamadas de pós-modernas são marcadas pela degra-

dação de valores morais, éticos e religiosos que moldavam as sociedades do passado. Portanto, a literatura, entendida como uma entre as muitas manifestações culturais, acompanhou o “espírito de época”, trazendo personagens masculinos que se distanciam do ideal do patriarcado.

Apesar de parecer simples a tese sustentada, tem-se em mente que quando se fala em tendência de época não significa uma dinâmica linear e automática: trata-se de uma configuração presente na escrita literária porque recebe estímulos de vários discursos sociais. Assim, ainda é possível encontrar textos literários com personagens que se assentam em estruturas tradicionais do patriarcado. Mas como a sociedade brasileira vem redefinindo, a duras penas, papéis de gênero e práticas de sexualidades, há escritores que, antenados com as grandes questões do seu tempo, procuram filtrar para seus leitores aquilo que melhor pode servir para a construção de pessoas mais críticas, com a “invenção” de personagens que referendem aspectos do real do leitor.

O objetivo, portanto, é analisar comportamentos dos protagonistas masculinos de cinco romances da literatura brasileira de três épocas distintas – segunda metade do séc. XIX, primeira metade do séc. XX e décadas iniciais do séc. XXI –, a fim de mostrar o que foi abandonado e o que foi incorporado pelos protagonistas dos romances atuais. Para isso, centrou-se nas imagens de Paulo Honório, de *São Bernardo* (RAMOS, 2012), Bentinho, de *Dom Casmurro* (ASSIS, 2019), e Riobaldo, de *Grande Sertão: Veredas* (ROSA, 2019)<sup>1</sup>, como representantes das masculinidades patriarcais, comparando aspectos de virilidade e macheza aos do Velho,<sup>2</sup> de *Por enquanto... Outra Estação* (PÁDUA, 2014), e do anônimo professor de educação física,<sup>3</sup> de *Barba Ensopada de Sangue* (GALERA, 2012), representantes das masculinidades atuais.

A começar pelos nomes dos protagonistas, o leitor perceberá que os três romances primeiramente citados foram constituídos

<sup>1</sup> Usou-se edições recentes das obras cujas masculinidades dos protagonistas representam um cenário patriarcal. As primeiras edições desses romances datam de 1899 para *Dom Casmurro*, 1934 para *São Bernardo* e 1956 para *Grande sertão: veredas*.

<sup>2</sup> Ao longo do romance, a voz narrativa dirige-se ao protagonista como “Velho”.

<sup>3</sup> O protagonista não tem o nome revelado pelo narrador.

a partir de figuras masculinas nominadas, agenciadas como homens a quem fora impingida uma virilidade essencialista. Isso é traço da tradição patriarcal que tem seu poder no “nome do pai”, do homem. Esse nome (sobrenome) é estendido tanto à esposa quanto aos filhos para que, assim, possam, todos os envolvidos nessa relação, fazer parte do “clã”, da estrutura nuclear formadora da “família” cujo centro é o masculino. Já as duas últimas narrativas elaboram um fazer masculino descentrado do nome e das normas de conduta que regiam os homens de sociedades patriarcais. Aqui, tem-se um anônimo e outro referenciado apenas por uma alcunha etária: *Velho*.

Justifica-se a discussão pela importância para os estudos de gênero de entender como se configuram novas masculinidades na ficção brasileira contemporânea. As três obras representantes das masculinidades tradicionais são de um período cuja cultura e valores divergem do contexto sociocultural atual. Portanto, as demandas sociais para o homem e para o narrador que fala sobre personagens masculinos são outras e, logo, a discussão revela masculinidades ainda pouco exploradas no campo da ficção.

O respaldo teórico em que se assenta o artigo advém das ideias lançadas por Robert W. Connel (2003) e teóricos que analisaram as masculinidades a partir de dados comportamentais como Cuschnir, Mardegan Jr. (2001); Nolasco (1995, 1997); Jablonski (1995) e Albuquerque Junior (2003). O que buscou-se fazer foi refletir sobre comportamentos de personagens masculinos à luz de pressupostos teóricos que respaldem mudanças de comportamentos e atitudes dos homens.

A discussão empreendida, inicialmente, problematiza o conceito de masculinidades como um termo plural em contraposição ao conceito tradicional de uma única masculinidade, mostrando o que significava ser homem dentro dessa sociedade (apontando para o seu declínio), trazendo mudanças para as masculinidades. Depois, refletindo sobre como as tendências contemporâneas começam a alterar o cenário analítico e crítico da literatura contem-



porânea e do gênero masculino, que configuram um novo modo de ser homem em sociedade.

## Masculinidades como um gênero plural

Quando se fala em “homem de verdade”<sup>4</sup>, está no inconsciente coletivo um sujeito virtuoso, viril e hétero, dentro dos moldes da tríade estabelecido pelo sexo biológico, gênero e sexualidade<sup>5</sup>. Nolasco (1995), sobre essa ideia do senso-comum, afirma que “o masculino percebido como um clichê se sustenta no argumento biológico. É recente desconsiderá-lo desvinculado do sexo” (NOLASCO, 1995, p. 25). A junção entre sexo, comportamento e desejo criou, como o autor nomeia, um clichê, em que a categoria homem consiste apenas nessa ligação. A ascensão dos estudos de gênero, entretanto, possibilitou a separação dessa tríade sexo-gênero-sexualidade.

Para Garcia (1998, p. 36), “a masculinidade, assim como a feminilidade é construída socialmente, é histórica, mutável e relacional”. Esse pensamento toma a masculinidade como gênero, pois tem em sua “essência” um ponto de vista comportamental. Isso trouxe à tona a questão de que, se for pensada como um gênero (plural), é possível perceber variações comportamentais dentro dela, a depender do contexto sociocultural. Souza (2009, p. 125) diz que Connell (2003) questiona a unicidade do gênero “ao apontar para a multiplicidade das masculinidades, isto é, por diferenciados padrões que serão caracterizados como masculinidades hegemônicas, de subordinação, de cumplicidade e marginalizadas”. Essas masculinidades não apontam para “espécies” diferentes, uma vez que os homens podem ser englobados num todo hegemônico; o que há nesse conjunto é a subordinação intragênero. Dentro do

4 A expressão “homem de verdade” é usada por Nolasco (1997) para se referir ao homem da sociedade patriarcal. O termo apresenta variantes, como “macho”.

5 Tríade significa um conjunto de três categorias interligadas. Falar em tríade com relação a sexo, gênero e sexualidade, tem-se em mente um cenário pré-cultura de gênero, no qual para o sujeito ser considerado “homem de verdade”, deveria nascer com pênis, assumir o papel de provedor e se relacionar unicamente com mulheres. Dessa forma, cumpria seu papel biológico. Atualmente essa tríade é entendida como uma tripartição arbitrariamente direta, haja vista que sexo não condiciona, obrigatoriamente, gênero ou sexualidade, conforme as teorias de gênero. Por isso, quando referir-se a sexo-gênero-sexualidade como tríade, associa-se a um cenário patriarcal, pré-cultura de gênero; quando for tripartição, será ligado ao cenário atual.

gênero masculino, existem os líderes que assumem o papel pleno de hegemônico. Além desse tipo, existem masculinidades que são subordinadas, cúmplices e marginalizadas<sup>6</sup>, entretanto, essas, por não terem elementos que as configurassem como pertencentes à soberania masculina, distanciavam-se do “homem de verdade”.

Neste artigo, utilizou-se a concepção de masculinidades como um gênero multifacetado. As masculinidades serão comparadas de acordo com seus comportamentos subjetivos, observando os conflitos internos; suas condutas relacionais frente às masculinidades ou às feminilidades; e diante dos seus comportamentos sociais, tomando como base as condutas dos protagonistas frente às imposições da sociedade para o homem.

## Patriarcado e a invenção do “homem de verdade”

Nem sempre houve esse entendimento sobre masculinidades como um gênero plural, muito menos de que a tríade sexo-gênero-sexualidade pudesse ser separada. Isso faz referência a sistemas sociais unilaterais como o patriarcado, configuração social que organizava a sociedade brasileira da seguinte forma:

- a) o pai como a Ordem, b) a mãe como o Outro da Ordem e submissa a esta, c) o filho homem (que deveria ser o primogênito) substituindo e reforçando a Ordem paterna, inclusive tendo sob controle a mãe e os irmãos menores, uma vez que herda simbolicamente a ideia de único herdeiro dos bens paternos, d) a virilidade para o homem e a “prenhez” para a mulher, e) a relação sexual de base exclusivamente heterossexual, f) as relações interpessoais acontecendo prioritariamente entre o grupo étnico branco, g) o poder religioso atribuído unicamente ao catolicismo, h) a luta pela honra e pela virtude (SILVA, 2007, p. 11).

<sup>6</sup> Connell (2003) explica esses três tipos divergentes do hegemônico. A subordinação da masculinidade se dá em casos intragênero, pois são subordinadas a partir da sua sexualidade (hétero superior ao homossexual), de acordo com sua posição social (homens burgueses soberanos em relação aos menos afortunados), e conforme sua etnia (homem branco subordinando o negro). As masculinidades entendidas como cúmplices são definidas por homens que possuem compromissos conjugais que vão além de apenas dominar suas esposas, a cumplicidade se dá também em relação às outras masculinidades, pois um homem pode ser cúmplice quando aceitar fazer este papel do macho hegemônico. As masculinidades marginalizadas são constituídas na intrarrelação de masculinidades dentro das subordinadas.

De acordo com a descrição dada, essa era a estruturação da sociedade brasileira até a primeira metade do séc. XX. Nesse cenário, havia pressupostos morais e éticos que ditavam as experiências das pessoas e, apesar desse sistema ser forjado nos contextos burgueses, chegava às classes mais populares, que assimilavam os códigos comportamentais. Segundo as ideias de Cuschnir e Margdegan Jr (2001) e Souza (2009), ser homem em um cenário como esse consistia em ter uma vida heroica, estoica, um caráter inabalável, todos os momentos deviam ser vistos como momentos de decisão, sem sentimentalismos, mostrando virilidade e dominação, controlando suas paixões e impulsos. Os autores apontam para uma perfeição exigida para o homem, seu papel social e demandas da época exigiam dele a demonstração de virilidade e negação de afetos: comportamentos sentimentais e conflituosos eram considerados sinais de fraqueza, e a fraqueza não era cabível ao macho, mas às mulheres.

Além desses aspectos subjetivos e sociais, era preciso oprimir, mas esses comportamentos opressores “não são necessariamente, ou em seu todo, dirigidos à mulher, mas, muitas vezes, ao homem, ao opositor real” (RAMIREZ, 1995, p. 77). Para o autor, dentro da sociedade patriarcal, há uma lógica de sobrevivência: o homem deveria oprimir a mulher, mas, sobretudo, outros homens, que são seus adversários do grupo hegemônico.

O colapso desse sistema aconteceu muito antes da contemporaneidade ou dos movimentos feministas. Albuquerque Junior (2003) diz que, da década de setenta do século XIX aos anos trinta do século XX, a sociedade brasileira passava por um conflito de identidade, tornando-se ora industrial, ora burguesa ou individualista. Além disso, um surto igualitário tomou conta das massas marginalizadas, ainda que fosse um pensamento utópico à época. Essas novas funções e situações sociais trouxeram uma crise ao sistema patriarcal, pois o que seria do homem burguês sem mão de obra gratuita dos escravos e tendo que conviver com pessoas diferentes do ideal da época? Esse desejo de igualdade é consequência da importação de valores e promessas estrangeiras, “essa



ameaça de nivelamento social era reflexo das promessas de igualitarismo que nos chegava do estrangeiro, principalmente com o comunismo” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2003, p. 34).

Era insustentável manter essa ordem patriarcal com essas novas ideias igualitárias, colocando o sistema em uma linha tênue existencial. No entanto, apenas a partir de 1960 pode-se reconhecer, de fato, uma barreira para diminuir a força desse sistema: a ascensão dos movimentos feministas, pois “a luta da mulher por igualdade de direitos interferiu decisivamente na figura do ‘machão’” (CALDAS; QUEIROZ, 1997, p. 152). Essa luta consistia em reivindicações como a liberdade das amarras dos maridos, que significava trabalhar fora do lar e a igualdade de gênero, a partir do reconhecimento de que a feminilidade é uma construção social, historicamente subordinada, necessitando de equidade de direitos e deveres.

Nesse cenário caótico para o patriarcalismo, instaurou-se uma crise nas bases regentes da sociedade, o resultado foi a crise do masculino. Segundo Nolasco (1997), “a crise masculina transcende uma abordagem individual. Ela se define também como parte de uma crise nos valores sociais” (NOLASCO, 1997, p. 15). A partir do momento em que a moral e a ética exigidas para o comportamento masculino, entre os séculos XIX e XX, sofreram um colapso, o homem perdeu sua bússola, pois não havia mais valores para manter as sociedades nos trilhos patriarcais. Nesse sentido, esse homem seguidor de regras perdeu-se diante de um mundo cujo controle não estava apenas em suas mãos. Nolasco (1997) pontua que paira sobre a sociedade atual um vácuo moral, rasurando valores sólidos de outrora, ao seguir trilhas do materialismo, do hedonismo, da permissividade e do relativismo. Orientações contrárias aos valores patriarcais fizeram com que a masculinidade tradicional caísse em uma espécie de terreno movediço: quanto mais os homens relutavam para sair, mais afundavam na esperança de trazer de volta uma estrutura social arcaica à nova era. Pela primeira vez na história o homem não é mais o único vanguar-

ta, é um espectador frustrado vendo o controle do mundo que construiu ser compartilhado.

A queda de regras comportamentais fez o homem conhecer um mundo de experiências antes restritas para ele, trazendo um conjunto de reformulações às masculinidades. O homem, segundo Cuschnir e Mardegan Jr (2001), necessitava de máscaras para camuflar da sociedade suas fraquezas, essa máscara “é uma forma de o homem não expor os traços mais íntimos de sua personalidade a qualquer um, de modo a preservá-los para si mesmo e permanecer seguro, em sua interação com outros seres humanos” (CUSCHNIR; MARDEGAN JR, 2001, p. 13). A necessidade dessas máscaras impostas pelo patriarcalismo diminuiu com as mudanças socioculturais, pois não existia, em parte, mais uma razão plausível pela qual o homem deveria esconder seus sentimentos ou conflitos.

Para Nolasco (1995), o homem, agora, estava autorizado a viver experiências que não eram permitidas ao indivíduo interpretado como macho. Todavia, esses comportamentos que ainda representavam fraqueza eram relacionados à mulher, por isso a nomeação “crise do masculino”, visto que tinham espaço para se subjetivarem de maneira além das impostas pelo patriarcado, mas a conjuntura de raízes patriarcalistas não sabia lidar com isso, tanto é que masculinidades com esse tipo de comportamento eram consideradas como afeminadas. No dizer de Albuquerque Junior (2003), quando fala, sobretudo, do homem nordestino, aponta para os filhos dos senhores de engenho como “homens de palmas das mãos moles”, cuja vida se tornou preguiçosa e sem valores se comparada a dos pais.

Embora o sujeito não precisasse mais se esconder sob a máscara do homem patriarcal, ainda existia uma resistência e uma falta de identificação com a adoção de novos valores, devido aos séculos de condicionamento social. A máscara fabricada pelo patriarcado custa a deixar a face masculina. Atualmente não se fala mais em sociedade patriarcal, porém esse discurso contemporâ-

neo não é aplicável à toda realidade<sup>7</sup>, nem ao sujeito em sua totalidade subjetiva, visto que a aceitação de alguns comportamentos não extinguiu todos os resíduos desse sistema de organização social no conjunto das masculinidades atuais.

## Masculinidades na literatura brasileira

Pensar a literatura como uma escrita de representações de masculinidades, entendidas na perspectiva de gênero multifacetado, só foi possível com o declínio do sistema patriarcal, deixando de representar apenas um tipo de homem, abraçando outras possibilidades existentes. Os protagonistas escolhidos como representantes das masculinidades engessadas trazem consigo comportamentos que os aproximam do proposto pelo regime dos “homens de verdade”. O romance de Machado de Assis, *Dom Casmurro* (2019), narra a história do narrador-personagem Bentinho, um homem burguês que conta os acontecimentos da trama vivida por ele, Escobar e Capitu, sua esposa. Na visão de Bentinho, Capitu o traiu com Escobar, fazendo com que o protagonista tomasse medidas extremas com relação à mulher e ao filho Ezequiel. O romance expõe uma história marcada por algumas problemáticas sociais, como a relação entre pessoas de classes sociais diferentes e uma demonstração do imaginário da época sobre a quebra da monogamia pela mulher, que é o motor da trama.

No mesmo segmento de representantes de protagonistas masculinos tradicionais, *São Bernardo* (2012), de Graciliano Ramos, mostra o narrador-personagem Paulo Honório, um homem que cresceu com a dureza da vida nordestina. Órfão, trabalhou desde a infância para sobreviver e, após adaptar-se ao modo de vida local, entendendo que a violência era parte dos negócios, tornou-se dono da fazenda São Bernardo. O protagonista conta a história ao seu modo, com uma linguagem fria, assim como sua personali-

<sup>7</sup> As discussões em torno de um novo homem são restritas às sociedades burguesas. Novas masculinidades é um conceito ainda burguês. Os comportamentos de homens das classes menos afortunadas ainda trazem traços fortes do patriarcado.

de. Casa-se com Madalena, tendo em vista a geração de herdeiro, mas é aturdido por suspeitas de traição da esposa, demonstrando violência e perturbação diante da situação que rasurava o seu lugar de “macho alfa”, padecendo do mesmo mal que Bentinho.

Riobaldo, protagonista de *Grande sertão: veredas* (2019), obra de Guimarães Rosa, é um jagunço que vive com seu bando nas matas do sertão mineiro sob o comando de Zé Bebelo. O romance narra a jornada de Riobaldo e seu bando de jagunços para vingar Joca Ramiro, morto por Hermógenes e Ricardão. Uma das problemáticas da obra é o afeto entre um casal de homens, pois o protagonista vive o dilema de ter sentimentos afetuosos por Diadorim, seu companheiro de bando, e de se colocar como homem heterossexual compulsório. Constantemente questiona sua macheza, a partir do sentimento e afeto nutridos e endereçados a um outro homem.

Partindo para os protagonistas masculinos da literatura contemporânea, o romance de Daniel Galera, *Barba ensopada de sangue* (2012), evidencia um protagonista anônimo. A história centra-se na busca dele por respostas sobre a morte do seu avô. O rapaz é professor de educação física e assim ganha a vida, que não é fácil, pois o narrador traz uma história marcada por frustrações e dificuldades. O suicídio do pai, a traição da ex-noiva com seu irmão, o último pedido do pai, não atendido, a frustrante busca por respostas do avô, o afastamento e a descrença em deuses, apesar da crença no destino, são elementos que permeiam a obra.

O outro protagonista representante das masculinidades na literatura atual é o Velho, de *Por enquanto... Outra estação* (2014), de Antônio de Pádua. A narrativa gira em torno dele e Dalton, filho caçula, que é deixado pelos irmãos, já casados, para cuidar do pai. O Velho foi acometido de *Alzheimer* e, assim como a doença, a história é perpassada por suas memórias fragmentadas, revelando como fora a vida e como chegou ao estado atual (no ato da leitura), com suas aventuras homoafetivas, desde jovem até encontrar o grande amor, Moisés, fazendo sua família heterossexual e de base monogâmica sucumbir.

A análise, inicialmente, relaciona *Dom Casmurro* (2019), *São Bernardo* (2012) e *Barba ensopada de sangue* (2012). Nessas três obras, há posições dos protagonistas Bentinho, Paulo Honório e do anônimo professor, frente a suspeitas ou traições confirmadas. Este aspecto liga-as, mas o comportamento de Bentinho e Paulo Honório, quanto às práticas culturais de afeto ferido, diferem do comportamento do professor, porque os dois primeiros mostram a violência como forma de “lavar a honra”: “Quando nem mãe nem filho estavam comigo o meu desespero era grande, e eu jurava matá-los a ambos” (ASSIS, 2019, p. 228). Bentinho, movido por ciúme, cogita matar Capitu e o filho, essa ideia ganha força ao longo da narrativa, mas o protagonista desiste dela, abandonando a ambos na Europa e mantendo as aparências do casamento para os amigos no Brasil, conforme vê-se no trecho:

Embarquei um ano depois, mas não a procurei [...] os que se lembravam dela, queriam notícias, e eu dava-lhes, como se acabasse de viver com ela; naturalmente as viagens eram feitas com o intuito de simular isto mesmo, e enganar a opinião (ASSIS, 2019, p. 238).

A masculinidade tradicional ou clássica é pintada pelas tintas de Machado de Assis como mote reiterador de um *status quo* que favorece o homem fabricado por uma tradição e costumes que pressupõem a unilateralidade na relação a dois. Nesse caso, quando se pensa nos relacionamentos heterossexuais de base cristã e monogâmicos, vê-se que o modelo de homem impingido a Bentinho, pelo autor, é o de um homem a quem a mulher deve fidelidade (publicamente e em cerimônia de matrimônio). O juramento sempre é recíproco, apesar da tradição cultural ser permissiva com os homens e punitiva com as mulheres que extrapolam os limites de afeto e/ou interações sexuais fora do matrimônio.

Na mesma linha comportamental, Paulo Honório cogita a possibilidade de matar Madalena, por vingança, pelas suspeitas de traição: “E se eu soubesse que ela me traía? Ah! Se eu soubesse que ela me traía, matava-a, abria-lhe a veia do pescoço, devagar,



para o sangue correr um dia inteiro” (RAMOS, 2012, p. 114). Percebe-se, no trecho, o potencial desejo de vingança, caso a traição fosse confirmada. No entanto, usa da mesma estratégia de Bentinho para punir a mulher: “Era melhor abandoná-la, deixá-la sofrer. E quando ela tivesse viajado pelos hospitais, quando vagasse pelas ruas, faminta, esfrangalhada, com os ossos furando a pele, costuras de operações e marcas de feridas no corpo, dar-lhe uma esmola pelo amor de Deus” (RAMOS, 2012, p. 124). Nessa lógica, seria necessário que Madalena pagasse com sua vida por ter manchado a honra dele.

Observe-se que, nessa linha de tradição, a pedagogia em que foi educado Bentinho, Paulo Honório também o fora. Atente-se, ainda, para o fato de que a condição social do personagem não interfere na recepção desse tipo de pedagogia que forma o homem para o comando das relações e as mulheres para funções de subserviência e/ou submissão. Bentinho, bem educado na sociedade burguesa da época, procede da mesma forma que Paulo Honório, quanto ao tratamento dado às mulheres e esposas, apesar deste ter tido uma educação parca de conhecimento, privada de subsistência material e de dignidade humana, alcançando patamares sociais elevados através de práticas de coerção, intimidação, tocaia e assassinato.

Como se vê, ambos os personagens parecem ter saído de uma mesma forma, apesar de viverem em séculos distintos e contextos sociais diferentes (mas convergentes quanto às normas de conduta para homens). A envergadura do macho potencializada nas atitudes, ideias e práticas culturais desses homens é demonstrada no comportamento adotado por eles quando se pensa nas relações com suas mulheres, ou mesmo nas relações com as mulheres em geral: é natural, para eles, o poder de suas atitudes respaldadas por uma tradição cultural que os colocam em lugares sociais de prestígio, mando e domínio, enquanto seus outros, no caso as mulheres, têm sua existência de sobrevida a partir da posição deles, porque são meras coadjuvantes afetivas e sombra deles.

Contra-pondo-se ao comportamento de Bentinho e Paulo Honório, o protagonista de *Barba Ensopada de Sangue* não tem ideias de violência com relação a sua ex-noiva que o deixou pelo irmão, demonstrando, inclusive, compaixão com a atual situação deles, conforme se lê: “Parabéns. Fico feliz por ti. Fica mesmo? Claro, Viv. Tu tá feliz, né. Tu queria isso. Queria. Então eu também fico feliz. Consigo ver isso independente de todo o resto” (GALERA, 2012, p. 414). Percebe-se um comportamento novo diante da traição, fato que aponta para um homem cujo código de conduta de masculinidade se distancia das práticas vistas em Assis (2019) e Ramos (2012).

Diferentemente dos dois casos anteriores, o fragmento da obra de Galera mostra que a futura traição era perceptível, o protagonista é enfático ao revelar:

O Dante consegue alugar um baita de dum apê não sei onde e nos convida pra morar com ele no início e tu me pergunta se eu me importaria se tu fosse antes. Se eu me *importaria*. Que era a mesma coisa de pedir permissão. Acho que foi nesse momento que vi tudo. [...] Não era nenhum quebra-cabeça. Porque eu sabia que o Dante gostava de ti (GALERA, 2012, p. 416).

O professor tinha conhecimento do afeto que se construiu entre ambos, mas não via Viviane como sua propriedade ou submissa a ele, incomodando-se com o fato dela perguntar se ele se importaria. Além dessa ótica sobre a mulher como um sujeito livre, a monogamia rompida entre Viviane e o professor é vista diferentemente dos casos de Bentinho e Paulo Honório. O caso em *Barba Ensopada de Sangue* não é visto como motivo para violência, afinal, o professor está inserido em um contexto sociocultural em que a monogamia é vista com menos solidez.

Veja-se que a instituição casamento e o seu pilar mais forte, a monogamia, continuam em alta, fazendo parte da pedagogia dos corpos de muitos sujeitos e personagens da atualidade, todavia esse valor (casal) e instituição (casamento) não são entendidos

pelo protagonista de Galera (2012) como normas de conduta rígidas. As relações de amor, afeto e sexo entre personagens e sujeitos da realidade de hoje parecem espriar-se naquilo que Bauman (2004) já anunciou como tese universal: a liquidez dos afetos entre as pessoas.

Essas práticas sociais analisadas representam um cenário de mudança do pensamento humano. Os valores mudam de uma época para outra. No caso dos romances analisados, há três obras de diferentes contextos – as de Machado de Assis, Guimarães Rosa e Graciliano Ramos – produzidas em épocas cujos valores eram dados a partir da hegemonia masculina, nada poderia abalar tal sistema. No caso de *Barba ensopada de Sangue*, não existe mais a Ordem plena dos costumes patriarcais. Os homens pedagogizados nas relações de gênero ainda recebem os estímulos sociais e culturais de lê-los ou tê-los em posições de poder frente ao feminino. Mas estes novos personagens não internalizam de modo radical as normas de conduta de antes que alocavam os sujeitos masculinos na posição de “macho alfa”: provedor, dono da verdade e do outro, sexista.

Além das mudanças com relação às mulheres, percebe-se uma diferença subjetiva do professor no modo de se colocar frente a situações que “subtraíam” sua honra, o que o tornaria covarde ou menos homem no contexto patriarcal. Todavia, situando-se no contexto pós-moderno, o protagonista descarta comportamentos de violência diante do fator traição, não se preocupando em “limpar sua honra” com o sangue da ex-noiva e do irmão. Essa nova masculinidade demonstrada pelo comportamento do professor era incogitável para Bentinho ou Paulo Honório, pois, segundo Nolasco (1995), “excluídas as manifestações de força física e violência, qualquer possibilidade de demonstração de ternura, carinho ou dor é diretamente associada a uma dúvida sobre a escolha sexual” (NOLASCO, 1995, p. 18). Logo, eles precisavam se afirmar como machos héteros, mas isso não é uma preocupação para o professor, descartando a violência sem que isto perturbe a sua heterossexualidade.

Outros comportamentos, além do ponto de vista relacional são importantes para entender a construção dessas masculinidades atuais. Cushnir e Mardegan Jr. (2001) afirmam que a máscara do patriarcado está deixando a face masculina, que recebeu novas máscaras na pós-modernidade. Uma dessas em declínio é a da sexualidade unicamente hétero, pois o *status* de macho viril era conferido apenas ao homem nos moldes da tríade sexo-gênero-sexualidade. Os protagonistas Riobaldo, de *Grande Sertão Veredas* (ROSA, 2019), e o Velho, de *Por Enquanto... Outra Estação* (PÁDUA, 2014), trazem à tona a problemática sobre as práticas de afeto, virilidade e sexualidade, que foram moldadas na pedagogia tradicional, todavia deixam vaziar atitudes e comportamentos que borram o modelo tradicional de homem.

Desejo, sexualidade e felicidade, esses são os pontos que unem as obras de Graciliano Ramos e Antônio de Pádua. O protagonista Riobaldo, um jagunço do sertão mineiro, passa por conflitos internos ao deparar-se com seu afeto por Diadorim, outro jagunço do seu bando: “O que compunha minha opinião era que eu, às loucas, gostasse de Diadorim, e também, recesso dum modo, a raiva incerta, por ponto de não ser possível dele gostar como queria” (ROSA, 2019, p. 33). Há, no discurso de Riobaldo, um fator que não o permitia gostar de Diadorim como desejara, pois estava em jogo a virilidade de um macho que deveria impor medo, e não afeto e desejo a outro homem. Aceitar o sentimento imprevisto atribuiria a ele traços femininos, tornando-o, moralmente, fraco para seu bando e inimigos. O homem que vive nesse contexto sociocultural “será definido, acima de tudo, como uma reserva de virilidade, um tipo masculino, um macho exacerbado, que luta contra as mudanças sociais que estariam levando à feminização da sociedade” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2001, p. 231).

Nesse caso, há uma tese de que esses homens lutam pela não feminização da sociedade, mas o cenário afetivo entre o casal masculino do romance é uma espécie de antítese à nova ordem. Levando em conta estas considerações, percebe-se o contexto ao qual Riobaldo pertence, por isso sua angústia: “Dois guerreiros,

como é, como iam poder se gostar, mesmo em singela conversação – por detrás de tantos bríos e armas? Mais em antes se matar, em luta, um ao outro” (ROSA, 2019, p. 419). Segundo ele, seria impossível uma síntese entre ser macho e amar Diadorim, uma vez que deveriam demonstrar virilidade e endereçar o desejo afetivo e sexual para mulheres.

Contrapondo-se à conduta de Riobaldo, o Velho opta por viver uma sexualidade fora desse eixo. Destaca-se que, do mesmo modo que Riobaldo tem sua posição de viril em jogo, o Velho possui sua posição social, esposa e filhos: “Você sabe que não posso, Moses, como iria abandonar a família, a mulher, tudo?” (PÁDUA, 2014, p. 119). Embora em contextos diferentes, ambas se equivalem, haja vista que o Velho ocupava a posição de pai que, conforme AUTOR (2007), era a ordem da estrutura familiar, ou seja, a posição de mais importância social. Observando por este ângulo, o comportamento do protagonista de *Por enquanto... Outra Estação* deveria seguir os mesmos rumos de supressão afetiva de Riobaldo, porém o velho escolheu viver o desejo: “– Ah, Moses, você é mais do que preciso [...] Depois que te encontrei não quero amar a mais ninguém. Quero ficar contigo todos os dias que eu puder viver pra testemunhar em minha pele esse prazer que é a vida” (PÁDUA, 2014, p. 118).

No trecho “passional”, não se percebe preocupação com a virilidade. Além disso, opondo-se a Riobaldo, que mascara o desejo por Diadorim, o Velho destrona a virilidade tradicional para dar lugar à sexualidade constituída pelo desejo, sem regras fixas. Esta situação apresentada no romance pode ser explicada pelo hedonismo colocado por Nolasco (1995) como uma das tendências da pós-modernidade, que consiste na negação de valores pela busca plena do prazer. Sendo assim, o espírito de época fez-se de cupido para juntar o Velho e Moisés. Todavia, Riobaldo e Diadorim estavam distantes de uma tendência cultural na qual a relação entre homens fosse vista como aceitável para as masculinidades. Tanto Riobaldo quanto o Velho estão inseridos em contextos sociais e culturais de sexualidade hétero, de entendimento do homem



como macho. Porém, o Velho transita de modo mais livre por essa heterossexualidade, dissipando valores engessados.

Outra problemática que aparece nas obras concerne ao afeto, negado por Riobaldo, mas incorporado pelo Velho, e isso é um ponto crucial para entender como homens de hoje enxergam questões como a fraqueza, haja vista que ela, tradicionalmente, é relacionada à sentimentalidade. Nolasco (1995), falando sobre o desenvolvimento do menino, diz que, “desde criança, ele é estimulado a se afastar de suas ‘experiências interiores’, ao mesmo tempo em que é pressionado a obter o melhor desempenho no que faz” (NOLASCO, 1995, p. 22). Ou seja, o sujeito masculino é, desde a infância, educado a ser mais exterior (questões de violência, desempenho e virilidade) do que interior (sentimentos), não apenas escondendo seu lado afetivo, mas não sabendo lidar com ele, porque associado à fraqueza e, logo, à feminilidade.

Todavia, destaca-se a importância que o Velho dá aos seus sentimentos em prol da sua felicidade, independentemente de preocupação com valores que, segundo as ideias patriarcais, fariam do sujeito um “homem de verdade”: “Quero ficar contigo todos os dias que eu puder viver pra testemunhar em minha pele esse prazer que é a vida” (PÁDUA, 2014, p. 118). O protagonista entrega-se ao sentimento, que está alinhado ao prazer e à felicidade. Além disso, apassiva-se em nome das performances que cada um se propôs a assumir na relação: “A manhã foi proveitosa. Depois do afeto refeito, de uma forte relação sexual, foi até a cozinha, preparou o almoço e lavou as cuecas do homem da casa. A partir de então, passou a frequentar Moisés como a chama de sua vida” (PÁDUA, 2014, p. 116).

A escolha por dar vazão ao sentimento e à sexualidade livres, trouxe ao Velho o papel que, do ponto de vista patriarcal, ou machista e sexista, é destinado à mulher. Trevisan (1997) afirma que “para um macho típico, não há nada pior do que ser dominado sexualmente” (TREVISAN, 1997, p. 55). São as tendências de época, emersas com a evolução do pensamento social sobre papéis de gênero e sexuais, que permitem ao Velho esse afloramento da

sua subjetividade em relação aos sentimentos, oportunidade que o protagonista de *Grande Sertão: veredas* não as tinha. Entretanto, não é apenas Riobaldo que não consegue lidar com seu lado afetivo, Paulo Honório vive atormentado com seus sentimentos:

Loucura estar uma pessoa ao mesmo tempo zangada e tranquila. Mas estou assim. Irritado contra quem? [...] Agitam-se em mim sentimentos colerizo-me e entorneço-me; bato vontade de chorar. aparentemente estou sossegado: as mãos continuam cruzadas sobre a toalha e os dedos parecem de pedra. Entretanto ameaço Madalena com o punho. Esquisito. (RAMOS, 2019, p. 77).

No trecho há sentimentos e atitudes opostas: o protagonista está com raiva, sente vontade de chorar, mas tal ação não poderia ser feita, em primeiro lugar, porque havia no seu inconsciente que chorar não era coisa de macho e, em segundo lugar, não haveria saída, além da violência, para externar essa raiva. Embora em situações diferentes, é possível contrapor a conduta do Velho a de Paulo Honório, tendo em vista que o protagonista de *Por enquanto... Outra estação* não está preocupado com sua posição de macho, porque esse papel é performado de forma mais livre, sem o molde da forma, enquanto Paulo Honório, no trecho, descreve a ebulição de sentimentos do seu eu-interior, sem externa-los como no plano textual, mas sim como um “homem de verdade”, com violência e estranhamento da situação. Nesse sentido, o Velho viu-se com liberdade para deixar que a máscara do macho valentão pudesse cair, incorporando e vivendo novas práticas masculinas como a liberdade para o desejo e o afeto, descartados por Riobaldo e Paulo Honório.

Dalcastagnè (2001) diz que os protagonistas da literatura contemporânea perderam todas as marcas de identificação, mas ganharam a palavra de si. Esses sem nome e sem virtudes representam os que vivem o processo das masculinidades pós-patriarcado, tentando, de alguma forma, usar a tendência da estação, que é a liberdade no campo subjetivo, relacional e social, construindo

para si novas masculinidades a partir de práticas culturais que se opõem à masculinidade patriarcal que, ainda, de algum modo, insiste em existir e pedagogizar homens nos dias de hoje.

## Considerações finais

A construção do masculino nos moldes patriarcais era uma tarefa árdua, visto que Riobaldo, Bentinho e Paulo Honório estavam o tempo todo em vigilância, deveriam estar prontos para mostrar sua macheza, com comportamentos violentos e de negação de suas afetividades. No mais, quando não era possível evitar, não sabiam lidar com os sentimentos, senão com violência, que é a reação mais comum frente ao medo, revelando o desconhecimento acerca do seu *eu* interior. Educados para neutralizar os afetos e os sentimentos, sobretudo nunca expô-los, mesmo dentro de regimes socioculturais que exigem deles essa máscara pesada e, às vezes, incoerente, entram em conflito consigo quando são “pegos” tangenciando esse modo de sentir não neutralizado, mas permeável às sensações do humano.

As tendências da pós-modernidade, entretanto, possibilitaram novos comportamentos às masculinidades. O anônimo professor compreende a traição e, embora não goste, não reage com violência, não se importa com sua honra ou com a covardia de deixar isso acontecer. Para ele, trata-se de uma questão dialógica, não de vingança ou poder que o induza a agir contra o seu “opositor”. O Velho não se importa com a virilidade, pelo contrário, assume seus sentimentos contrários à sexualidade hegemônica. Além disso, percebe-se que não há uma preocupação em ser menos macho por causa desses comportamentos, os protagonistas vivem plenos com os modos de viver escolhidos. A partir desse ponto, a ideia central de que eles mudaram seguindo uma tendência de época foi confirmada, na medida em que há, atualmente, liberdade para que eles deem vazão à subjetividade que lhes convém.

Ressalta-se que a análise não afirma que todos os personagens dessa literatura contemporânea possuem apenas essas características, pois a discussão gira em torno das masculinidades, um conceito que tem significado plural e, por consequência disso, não é possível dizer se são finitas ou infinitas, mas serve como um início de caminhar. Além disso, os comportamentos desses protagonistas que representam as masculinidades atuais deixam algumas problemáticas. A título de ilustração, pode-se pensar na não negação de um valor como a virilidade, mas sim na sua resignificação, haja vista que o homem viril não poderia fugir de problemas, e esses personagens contemporâneos assumem e incorporam o que os outros descartaram, para não perder o *status* de macho.

Essas são questões para investigações futuras na literatura. Por enquanto, os personagens estão acompanhando a tendência sociocultural atual, incorporando e descartando comportamentos que consideram válidos ou não para sua experiência como sujeitos, pois “Se eu quero, é! Se estou falando de mim, inventando minha vida, construindo um lugar de felicidade para mim e se os meus atos nada ferem ao outro, posso [...] viver ao meu modo” (PÁDUA, 2014, p. 152).

## Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino**: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.
- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. 32. ed. Porto Alegre: L&PM, 2019.
- AUTOR (2007).
- BAUMAN, Zigmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- CALDAS, Dário; QUEIROZ, Mário. O novo homem: comportamento, moda e mercado. *In*: CALDAS, Dário (Org.). **Homens**: comportamento,

sexualidade, mudança, identidade, crise e vaidade. São Paulo: Editora SENAC, 1997, p. 147-162.

CONNELL, Robert W. **Masculinidades**. Trad. Irene Maria Artigas. México: Universidad Nacional Autónoma de Mexico, 2003.

CUSCHNIR, Luiz; MARDEGAN JR, Elyseu. **Homens e suas máscaras: a revolução silenciosa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2001.

DALCASTAGNÈ, Regina. Personagens e narradores do romance contemporâneo no Brasil: incertezas e ambiguidades do discurso, **Diálogos Latinoamericanos**, nº 3, p. 114-30, 2001.

GALERA, Daniel. **Barba ensopada de sangue**. São Paulo: Companhia da Letras, 2012.

GARCIA, Sandra Maria. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In: ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra G; MEDRADO, Beatriz (Orgs.). **Homens e masculinidades: outras palavras**. São Paulo: ECOS, 1998, p. 31-50.

JABLONSKI, Bernardo. A difícil extinção do boçalossauro. In: NOLASCO, Sócrates (Org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p. 156-164.

NOLASCO, Sócrates. A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero. In: NOLASCO, Sócrates (Org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p. 15-29.

NOLASCO, Sócrates. Um "Homem de Verdade". In: CALDAS, Dário (org.). **Homens: comportamento, sexualidade, mudança, identidade, crise e vaidade**. São Paulo: Editora SENAC, 1997, p. 13-30.

PÁDUA, Antonio de. **Por enquanto... Outra Estação**. São Paulo: Scortecci, 2014.

RAMIREZ, Rafael L. Ideologias masculinas: sexualidade e poder. In: NOLASCO, Sócrates (org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p. 75-82.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2012.



ROSA, Guimarães. **Grande sertão:** veredas. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Representações do masculino no imaginário do cordel.** Revista Investigações: Linguística e teoria literária. Recife, v. 19, n. 1, p. 9-34, 2007.

SOUZA, Márcio Ferreira de. As análises de gênero e a formação do campo de estudos sobre a(s) masculinidade(s), **Mediações**, v. 14, n. 2, p. 123-144, 2009.

TREVISAN, José Silvério. O espetáculo do desejo: homossexualidade e crise do masculino. *In:* CALDAS, Dário (Org.). **Homens:** comportamento, sexualidade, mudança, identidade, crise e vaidade. São Paulo: Editora SENAC, 1997, p. 51-92.